

Vidência e Clarividência: Uma Revisão dos Conceitos na Literatura Espírita, Metapsíquica e Parapsicológica¹

Jáder Sampaio

1. Introdução

Estávamos lendo o livro "No Invisível", de Léon Denis, em nosso grupo mediúnicos, quando o texto nos remeteu a uma questão recorrente: afinal, qual é a diferença entre a faculdade dos médiuns videntes e a clarividência?

O presente trabalho é um esforço para responder a esta questão a partir de algumas premissas:

- Os conceitos se acham ambientados dentro da obra de cada autor, e podem variar leve ou notadamente quando analisado em obras de autores diferentes, e até mesmo em livros diferentes do mesmo autor.
- No estudo do Espiritismo precisamos conhecer bem a terminologia empregada pelos seus principais contribuintes, a começar de Allan Kardec e dos clássicos, a fim de não confundirmos seu emprego.
- O termo clarividência não foi criado por Kardec, embora tenha sido redefinido pelo codificador diante dos estudos dos fenômenos espirituais. Isto nos obriga a conhecer os significados que se encontram em teorias não espíritas, especialmente as que antecederam o Espiritismo e influenciaram o codificador.

Iniciamos, portanto com uma análise das definições encontradas nos trabalhos dos principais autores da Metapsíquica e da Parapsicologia. Em um segundo momento, revisamos a obra kardequiana. Posteriormente, analisamos um livro de Gabriel Delanne e terminamos a revisão com a análise de dois livros do autor espiritual, André Luiz.

Após concluirmos nosso trabalho, estivemos lendo os comentaristas contemporâneos e nos surpreendemos com as análises de Hermínio Miranda em seu "Diversidade dos Carismas", que não comentamos aqui mas recomendamos ao leitor que se interesse por alguns outros ângulos da questão e no estudo de mais alguns outros escritores que trataram do tema.

2. Estudo da Clarividência na Metapsíquica e na Parapsicologia: Em Busca de uma Trajetória Conceitual para o Termo.

Uma questão aparentemente recorrente nas tentativas acadêmicas de compreender os fenômenos descritos pelo Magnetismo francês e pelo Espiritismo tem sido se eles realmente o são como são descritos e se não poderiam ser explicado por qualquer causa física ou orgânica. Esta "teimosia reducionista" vem impedindo o avanço das pesquisas fartamente documentadas do século XIX.

Este é um dos motivos que levou à discussão metapsíquica de o que realmente seria a clarividência. A chamada transposição dos sentidos não seria na

¹ Capítulo completo do livro "O Transe Mediúnicos e Outros Estudos", de 1999. Uma versão simplificada foi enviada para publicação no Boletim GEAE

verdade um fenômeno telepático? Acreditando-se ler com os dedos, não estaria o sensitivo registrando os pensamentos das pessoas e creditando-o ao seu próprio corpo?

Richet entende como sinônimos os termos clarividência, lucidez sonambúlica, segunda vista e sugestão mental (p. 25). Todos estariam se referindo a um "sexto sentido", uma sensibilidade distinta da sensibilidade dos cinco sentidos, por este motivo denominada *criptestesia* e que por esta razão permitiria aos sensitivos obter conhecimentos por uma via diferente da dos sentidos e do raciocínio, *metagnomia*, portanto.

Na classificação que Richet desenvolveu para os fenômenos próprios dos possuidores deste sexto sentido, o termo clarividência não formou categoria de análise, embora Richet houvesse apresentado um grande número de experiências de percepções não telepáticas sem o uso dos sentidos. No livro referido, um tema recorrente do criador da metapsíquica é discutir as conclusões do livro de Myers, Podemore e Gurney "The Phantasms of the Living" onde se pretende reduzir as explicações aos fenômenos inabituais à telepatia. Richet apresenta inúmeros experimentos onde o experimentador desconhece o conteúdo de objetos e cartas percebidos por um sensitivo. Um termo que ele parece preferir à clarividência é hiperestesia.

Os trabalhos de Richet e da Metapsíquica parecem ter influenciado a parapsicologia americana de Rhine, no que diz respeito à classificação dos fenômenos e à necessidade da experimentação. Assim como Richet estabeleceu uma classificação geral para os fenômenos inabituais, Rhine denominou os chamados fenômenos parapsicológicos com um termo geral identificado como Ψ (psi), distinguindo-os a seguir. Na Parapsicologia a clarividência volta a ter um lugar como "faculdade de ver sem os olhos" e distinta de outras faculdades como a telepatia e a precognição.

Um autor bastante lido pelos metapsiquistas brasileiros, Robert Amadou, considera a clarividência como um termo empregado pelos antigos magnetizadores. Ele a define a seguir como:

"conhecimento de um evento objetivo, aparentemente independente da atividade sensorial ou racional. Assim se opõe a clarividência, por distinção arbitrária e discutida, porém, cômoda, à telepatia. Pode-se definir objetivamente a clarividência como uma coincidência inexplicável pelo acaso, uma percepção sensorial ou um raciocínio consciente ou inconsciente, entre o estado psicofisiológico do indivíduo ou seu comportamento e um acontecimento objetivo. Quando a clarividência se exerce supostamente sobre acontecimentos subjetivos, chama-se, então, leitura do pensamento." (1966, p. 380)

A nosso ver Amadou mais confunde que esclarece.

Em uma publicação mais recente o pesquisador Joseph Rush escreveu um artigo sobre a história dos estudos parapsicológicos e reafirmou o sentido original da clarividência, redigido por Grasset, como a faculdade de ver através de corpos opacos. Ele se refere a um trabalho de Richet, datado de 1888, onde ele conduz um experimento bem sucedido de cartas lacradas em envelopes (1986, p. 26) e a define como a "percepção não sensorial de informação normalmente não conhecida por ninguém".

O pesquisador brasileiro Hernani Guimarães Andrade considera a clarividência como:

"capacidade de perceber visualmente, sem usar o sentido da vista, cenas, imagens, seres, tanto visíveis quanto invisíveis para as pessoas comuns; posteriormente, este vocábulo, na Parapsicologia, adquiriu um significado mais amplo, abrangendo toda a gama de fenômenos compreendida pela criptestesia geral na nomenclatura de Richet" (p. 30) Envolveria portanto,

fenômenos de telepatia, clariaudiência, transposição dos sentidos e premonição.

O que se conclui desta rápida incursão nas ciências dos fenômenos psíquicos não habituais é que mesmo nos dias de hoje o termo clarividência guarda uma dupla acepção, adotada de forma diferenciada pelos diferentes autores e que deve ser entendida antes de iniciar-se a leitura de uma obra do ramo. Alguns a empregam como sinônimo de faculdade paranormal, em um sentido mais amplo. Outros lhe preservam o sentido mais específico de "visão sem os olhos", ressaltadas as diferenças entre telepatia, precognição e memória extracerebral. Como a mediunidade praticamente saiu da "agenda" de pesquisa dos principais parapsicólogos, a parapsicologia não se pronuncia (senão ocasionalmente e de forma redutiva) sobre os fenômenos de vidência descritos pelo Espiritismo, não lhe permitindo distinção ou paralelo.

3. Médiuns Videntes, Sonambúlicos e Clarividência na Obra de Allan Kardec.

Definição e Fenômenos de Clarividência

O termo clarividência surge pela primeira vez com seu sentido próprio² na parte de "O Livro dos Espíritos" que trata da emancipação da alma. Na questão 402, Kardec trata de uma "espécie de clarividência" que acontece durante os sonhos, onde a alma tem a faculdade de perceber eventos que acontecem em outros lugares. Neste ponto, portanto, ele emprega o termo como uma faculdade de ver à distância sem o emprego dos olhos. Os sonâmbulos seriam capazes deste fenômeno devido à faculdade de afastamento da alma de seu respectivo corpo seguida da possibilidade de locomoção da mesma. (q. 432)

Pouco depois, na questão 428, ele indaga aos espíritos sobre a "clarividência sonambúlica". Ele certamente se refere à faculdade já bastante descrita na literatura que trata do sonambulismo magnético, que, na questão 426, os espíritos consideraram equivalente ao sonambulismo natural, com a diferença de ter sido provocado. Os espíritos lhe respondem que as duas faculdades possuem uma mesma causa: a percepção visual é realizada diretamente pela alma do clarividente. Logo a seguir, Kardec pergunta sobre os outros fenômenos da clarividência sonambúlica (q. 429) como a visão através dos corpos opacos e a transposição dos sentidos. Os espíritos reafirmam que os clarividentes vêem afastados de seus corpos, e que a impressão que afirmam de estarem "vendo" por alguma parte do corpo, reside na crença que possuem que precisam deste para perceberem os objetos. A existência da faculdade sonambúlica não assegura a veracidade de todas as informações obtidas neste estado, com o que concordam os espíritos (q. 430).

Dando continuidade à linha de indagações sobre o sonambulismo, Kardec pergunta de onde se originam os conhecimentos apresentados pelos sonâmbulos que eles não possuem em estado de vigília e que não se explicam diretamente pela percepção sonambúlica. Os espíritos argumentam que em estado de emancipação, os sonâmbulos podem acessar conhecimentos que lhes são próprios, originários de existências anteriores, ou de outros espíritos com quem comunicam-se (q. 431). Faz

² Kardec emprega o termo com um sentido metafórico, significando capacidade de compreensão, qualidade de uma "pessoa de visão" ou obviedade.

sentido, então, questionar se todos os sonâmbulos são médiuns sonambúlicos, distinção esta que Kardec aprofundará em "O Livro dos Médiuns". Ainda em "O Livro dos Espíritos", afirma-se que a maioria dos sonâmbulos vê os espíritos, mas que muitos deles podem crer que se trate de pessoas encarnadas, por lhes ser estranha a idéia de seres espirituais.

Êxtase e Clarividência

Kardec distingue os fenômenos sonambúlicos do êxtase e da dupla vista. O êxtase seria um sonambulismo profundo. Neste estado ocorreria o contato com espíritos etéreos, o que causa as impressões geralmente registradas pelos santos. Na questão 455 encontra-se a seguinte descrição:

"Cerca-o então resplendente e desusado fulgor, inebriam-no harmonias que na Terra se desconhecem, indefinível bem-estar o invade: goza antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que pousa um pé no limiar da eternidade. No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente, pode-se dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio, que mais um pequenino esforço quebraria sem remissão. Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que constitui a essência mesma do nosso ser imaterial "

Kardec, entretanto, admite que muitas vezes o extático é vítima da sua própria excitação, fazendo descrições pouco exatas e pouco verossímeis, podendo chegar a ser dominados por espíritos inferiores que se aproveitam da sua condição.

Êxtase, portanto, é um estado sonambúlico profundo caracterizado pela perda ou extrema redução da consciência dos eventos que acontecem ao redor do extático, alterações emocionais e um certo sentimento de "sagrado", onde o mecanismo básico é a emancipação da alma.

Lucidez e Clarividência

No livro "Definições Espíritas"³, Kardec define a clarividência como a "faculdade de ver sem o concurso da visão" e logo depois como "percepção sem o concurso dos sentidos". Posteriormente Kardec distingue clarividência de lucidez, da seguinte forma:

"A palavra clarividência é mais genérica; lucidez se diz mais particularmente da clarividência sonambúlica." (KARDEC, 1997. p. 85)

Dupla Vista e Clarividência

A dupla vista, ao contrário, seria a faculdade de perceber pelos olhos da alma, sem que para tal, seja necessário o estado sonambúlico, em outros termos, sem que o percipiente entre em transe profundo.

³ Trata-se da tradução e publicação em língua portuguesa do vocabulário espírita que Kardec publicou originalmente na primeira edição de "O Livro dos Médiuns".

A dupla vista seria uma faculdade permanente das pessoas que a possuem, embora não estejam continuamente em exercício da mesma. (q. 448) É uma faculdade que se manifesta de forma espontânea, embora a vontade de quem a possui tenha um papel em seu mecanismo e possa desenvolver-se com o exercício. Da mesma forma que a mediunidade, há organismos que são refratários a esta faculdade, e a hereditariedade parece desempenhar algum papel na transmissão da mesma. Kardec fez uma descrição das alterações psicofísicas que o portador da dupla vista ou segunda vista costuma apresentar (q. 455):

"No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo se acha sensivelmente modificado. O olhar apresenta alguma coisa de vago. Ele olha sem ver. Toda a sua fisionomia reflete uma como exaltação. Nota-se que os órgãos visuais se conservam alheios ao fenômeno, pelo fato de a visão persistir, mau grado à oclusão dos olhos. Aos dotados desta faculdade ela se afigura tão natural, como a que todos temos de ver. Consideram-na um atributo de seus próprios seres, que em nada lhes parecem excepcionais. De ordinário, o esquecimento se segue a essa lucidez passageira, cuja lembrança, tornando-se cada vez mais vaga, acaba por desaparecer, como a de um sonho. O poder da vista dupla varia, indo desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes."

Kardec, em suas "Obras Póstumas" (1978, p. 101) faz uma afirmação preciosa para a distinção entre dupla vista e clarividência, que consideramos por bem transcrever:

"No sonambulismo, a clarividência deriva da mesma causa⁴; a diferença está em que, nesse estado, ela é isolada, independe da vista corporal, ao passo que é simultânea nos que dessa faculdade são dotados em estado de vigília."

É importante frisar que em Kardec o sonambulismo natural, o sonambulismo provocado ou magnético, o êxtase e a dupla vista são faculdades que possuem o mesmo mecanismo: a emancipação da alma. A clarividência seria um fenômeno passível de ocorrer nos dois primeiros estados. Embora a clarividência seja um fenômeno predominantemente anímico, há a possibilidade de ocorrerem percepções do mundo dos espíritos, ou seja, de sua associação com faculdades mediúnicas. Para evitar confusão, consideramos adequado o emprego do termo clarividência mediúnica.

Médiuns Videntes e Dupla Vista

Em "O livro dos médiuns" (parágrafo 167), Kardec considera como médiuns videntes as pessoas dotadas da capacidade de ver os espíritos. Nesta categoria temos os médiuns capazes de ver os espíritos em estado de vigília e os que apenas a possuem em estado sonambúlico ou próximo deste. A faculdade não é permanente, estando quase sempre associada a uma crise passageira. Podemos substituir o termo crise por transe, entendendo que por crise passageira o autor se refere aos chamados estados sub-hipnoidais ou de transe superficial.

As pessoas dotadas de dupla-vista podem ser consideradas médiuns videntes, as que percebem os espíritos durante os sonhos, não. As aparições acidentais e espontâneas não configuram a existência desta faculdade, que permite **ver qualquer**

⁴ Da dupla vista.

espírito que se apresente. Kardec afirma que este tipo de médiuns julga ver os espíritos com os olhos, mas tanto os vêem com olhos fechados quanto com olhos abertos.

A faculdade pode ser desenvolvida, mas Kardec recomenda que não se provoque este tipo de faculdade, para que o suposto médium não se torne juguete da sua imaginação. Ele considera prudente não dar crédito senão ante provas positivas, como "a exatidão no retratar Espíritos que o médium jamais conheceu quando encamados". Ao advogar a possibilidade de desenvolvimento da faculdade, entendemos que Kardec se refere às pessoas já dotadas da mesma, e não da errônea idéia de desenvolvimento da mediunidade em quem quer que seja.

Médiuns Sonambúlicos e Clarividência

Curiosamente, Allan Kardec distingue em duas classes de médiuns os médiuns videntes e os médiuns sonambúlicos. Ele justifica esta classificação dizendo que sonambulismo e mediunidade são "duas ordens de fenômenos que freqüentemente se acham reunidos". (parágrafo 172)

...o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação. Muitos sonâmbulos vêem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os médiuns videntes.

Conclusões: Vidência e Clarividência em Allan Kardec

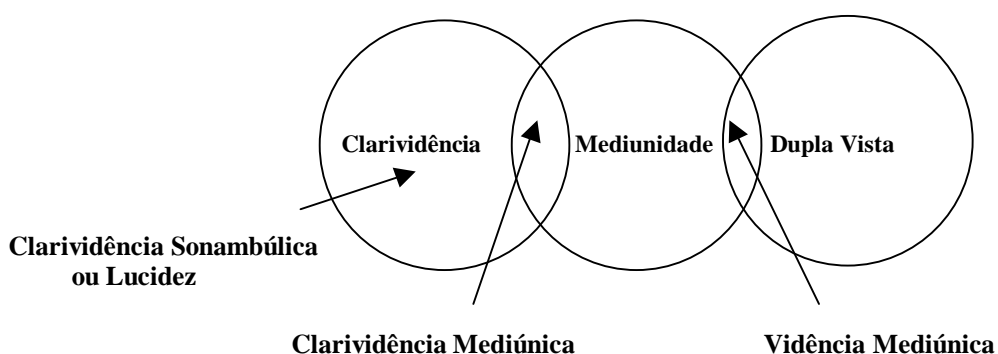
Como vemos, Kardec situa em seu plano analítico os fenômenos anímicos e mediúnicos, de forma obviamente distinta dos pesquisadores da Metapsíquica e da Parapsicologia.

Com as informações até então encontradas, concluímos que a distinção entre vidência e clarividência na obra de Allan Kardec pode ser explicada a partir do esquema abaixo:

Estado de Consciência	Transe Profundo (estado sonambúlico e de êxtase, em terminologia kardequiana)	Transe Superficial (crise passageira, em terminologia kardequiana)
Fenômenos Anímicos	Clarividência sonambúlica ou lucidez	Dupla vista
Fenômenos Mediúnicos	Clarividência mediúnica ⁵	Vidência mediúnica ⁶
Mecanismo Geral	Emancipação da alma	Emancipação da alma

Concluimos, portanto, que a chave da distinção entre a clarividência e a vidência mediúnicas, encontrada na obra kardequiana, reside na extensão do transe mediúnico.

O leitor da obra de Kardec deve cuidar-se também para não confundir clarividência com mediunidade, uma vez que ele emprega o termo em sentido amplo, podendo referir-se a fenômenos anímicos como a visão à distância sem o emprego dos olhos, visão através de corpos opacos e "transposição de sentidos" (que seria uma impressão do sonâmbulo, e não uma descrição do mecanismo do fenômeno, que é, em última ordem, a emancipação da alma). A relação entre clarividência e mediunidade fica bem ilustrada com o auxílio da figura abaixo:



4. A Clarividência e os Médiuns Videntes no Livro "O Espiritismo Perante a Ciência" de Gabriel Delanne

Delanne trata do percurso de fenômenos e idéias no período que compreende o magnetismo e o hipnotismo na segunda parte do livro "O Espiritismo perante a ciência".

O termo clarividência, aqui, é empregado como sinônimo de dupla-vista. Delanne não mantém a distinção de Kardec, empregando-os indistintamente.

É bastante esclarecedora a sua digressão histórica. Ele analisa os fenômenos encontrados na literatura do chamado sonambulismo natural, sonambulismo magnético e hipnotismo. Deter-nos-emos nos fenômenos de clarividência.

Ele entende por **sonambulismo natural** como um caso particular do sono onde "o indivíduo caminha dormindo e procede como se estivesse acordado". (p. 91)

⁵ Como vimos, Kardec emprega o termo clarividência atribuindo-lhe os fenômenos anímicos e a possibilidade de ocorrência de fenômenos mediúnicos, por esta razão criamos o termo clarividência mediúnica, para deixar claro que nos referimos apenas à segunda ordem de fenômenos.

⁶ Kardec não emprega o termo vidência, como o fazem os espíritas contemporâneos, mas se refere aos médiuns videntes. Empregamos o termo vidência mediúnica para designar a faculdade dos médiuns videntes, e adicionamos o adjetivo para distinguir da faculdade de ver.

Duas características são arroladas para distinguir-se das movimentações que podem acompanhar os sonhos: "o andar durante o sono" e "a perda da lembrança do que se passou, ao acordar". (p. 92) Neste estado de consciência, encontram-se muitos relatos de pessoas que prosseguem suas atividades intelectuais. Músicos registram composições, filósofos redigem textos, sacerdotes escrevem sermões.

A questão da clarividência está associada ao sonambulismo natural em função das peculiaridades descritas com relação aos casos de sonâmbulos. Delanne faz a transcrição de diversos casos da literatura médica da época, onde se vêem uma sonâmbula que sobe no telhado de sua casa de olhos fechados sem acidentarse, um farmacêutico sonâmbulo que faz formulações químicas durante o sono e que consegue "ler" de olhos fechados uma receita absurda colocada por um médico para testar suas faculdades sonambúlicas e de um sacerdote sonâmbulo que escrevia e lia seus sermões, corrigindo-os durante o ato sonambúlico, mesmo tendo sido colocado um anteparo entre seus olhos fechados e o papel onde escrevia.

Nestes exemplos, a clarividência é entendida como uma forma de visão sem o uso dos olhos.

Por **sonambulismo magnético**, o autor entende como a provocação do estado sonambúlico através do emprego do magnetismo animal. (p. 103) O estado sonambúlico é caracterizado pela insensibilidade da pele, do sentido do olfato (a reação ao amoníaco, por exemplo), e da reação aos estímulos sonoros ambientes e mesmo uma insensibilidade a estímulos dolorosos.

Interessa-nos a descrição feita por Delanne dos fenômenos perceptivos dos sonâmbulos artificiais. Da mesma forma que nos casos de sonambulismo natural. Há relatos de casos de *transposição dos sentidos* e de dupla-vista, onde uma sonâmbula de Deleuze lê oito linhas com os olhos vendados (p. 107). Há casos relatados de visão nas costas, audição pela palma das mãos, leitura pela extremidade dos dedos, leitura de cartas à distância, entre outros. Em todos os casos, Delanne busca elementos para demonstrar a tese da emancipação da alma de Kardec como a que melhor explicaria estes fenômenos.

Finalmente o pesquisador francês trata do **hipnotismo**, que a seu ver nada mais é que uma nova teoria para explicar os fenômenos do sonambulismo magnético. Revendo os estudos de Braid, ele relata que os hipnotizados não doentes podem, com os olhos fechados, "desenhar, descobrir objetos ocultos, designar os indivíduos a quem estes objetos pertencem, ouvir uma conversa, em voz baixa, num aposento vizinho, enfim, predizer o futuro". (p. 126) Vemos aqui também a existência de fenômenos de clarividência. Assim como Allan Kardec, seu discípulo mantém o emprego do termo clarividência para fenômenos não-mediúnicos.

Na mesma obra citada, Gabriel Delanne trata da mediunidade de vidência, que conjuntamente com a mediunidade de audiência considera como mediunidades sensoriais.

Para explicar os fenômenos que havia analisado, ele considera dois tipos de mecanismos de vidência: um primeiro onde o médium veria com os olhos e um segundo em que o médium veria em estado de desprendimento (médium sonambúlico, portanto, na descrição kardequiana).

Em um primeiro momento, Delanne distingue a mediunidade vidente das ilusões de ótica e das alucinações. A mediunidade vidente se distingue das alucinações à medida que caracteriza-se como a percepção de pessoas que viveram, dão mostras da sua identidade e apresentam conhecimentos verificáveis, desconhecidos anteriormente pelos médiuns. Outro elemento importante de distinção entre os fenômenos que poderíamos adicionar ao seu trabalho seria o caráter patológico da personalidade das

peessoas que alucinam sem o uso de drogas ou as alterações fisiológicas causadas por doenças orgânicas, como as febres. Em síntese, os médiuns videntes teriam "supostas alucinações" sem que as mesmas transtornassem sua saúde mental.

Na mediunidade sonambúlica, o vidente entraria em um certo torpor, afastando-se do corpo sem, no entanto, adormecer. Ele passa a relatar as percepções que tem do ambiente físico e espiritual ao alcance da sensibilidade do seu perispírito, e que são transmitidos ao seu sistema nervoso.

A visão dos espíritos "com os olhos", no pensamento de Delanne, seria distinta das materializações. Seu suporte empírico parece vir dos inúmeros casos isolados de aparições espontâneas, como as "visitas no momento da morte" para pessoas que aparentemente nunca mostraram qualquer dote mediúnico, que Flammarion tanto descreveu em seus trabalhos. No caso das materializações, todos os presentes percebem pelo órgão da visão os espíritos, que se servem do "fluido nervoso" do médium de efeitos físicos para "condensar-se". No caso da vidência com os olhos, Delanne descreve o seguinte mecanismo que reproduzo a seguir:

"...Se um Espírito, porém, quer manifestar sua presença, entra em relação fluídica com o encarnado, assim como vimos precedentemente, e, estabelecida a comunicação, acumula pelo magnetismo espiritual, no nervo ótico, uma quantidade de fluido nervoso maior que de ordinário; certas fibras se sensibilizam e podem, desde logo, entrar em vibração correspondente à do invólucro do Espírito. Desde que se produz esse fenômeno, o ser, assim modificado, vê o Espírito e o verá enquanto a ação continuar." (p. 370-371)

Continuando sua explicação, Delanne afirma que com a repetição do fenômeno as fibras óticas se adaptariam aos poucos às vibrações dos espíritos, tornando-se cada vez mais apto à sua percepção. Desta forma, faria sentido falar em um novo sentido. (p. 371)

Neste fenômeno os espíritos atuariam em suas vibrações da mesma forma que nas experiências da Ótica onde os raios ultravioleta tornam-se visíveis ao serem dirigidos a um vidro que contém silicato de urânio.

Embora esta tese se constitua em uma explicação plausível para os fenômenos de aparições espontâneas, ela nos deve ainda alguns esclarecimentos. Se os espíritos podem atuar diretamente no nervo ótico das pessoas em geral, alterando suas vibrações, porque a faculdade de percebê-los visualmente não é universal? Caso haja alguma singularidade das fibras óticas de algumas pessoas, que seriam então médiuns videntes "com os olhos", porque as alterações anatômicas ainda não foram constatadas pela medicina contemporânea? Que estruturas anatômicas agem como sensores para as ondas espirituais? Se não há alterações anatômicas, que alterações funcionais distinguem médiuns videntes de pessoas sem esta faculdade? Enquanto tais respostas não são respondidas satisfatoriamente, prefiro crer que a faculdade de vidência espiritual tem por elemento sensor o perispírito do médium.

5. Vidência e Clarividência na Obra de André Luiz

Encontramos referências sobre a mediunidade de vidência e a clarividência em dois livros de André Luiz, psicografados por Francisco Cândido Xavier.

Em "Mecanismos da mediunidade", são apenas três parágrafos justapostos ao final do capítulo que trata dos efeitos intelectuais. Neles André Luiz afirma que os fenômenos de clarividência e clariaudiência têm por mecanismo a transmissão de

quadros e imagens do espírito comunicante para a mente do médium, "valendo-se dos centros autônomos da visão profunda, localizados no diencéfalo, ou lhe comunica vozes e sons, utilizando-se da cóclea" (p. 135).

Este fenômeno, como qualquer outro fenômeno mediúnico, seria tanto mais nítido quanto maior a sintonia mental entre espírito comunicante e médium.

Encontramos algumas informações adicionais no livro intitulado "Nos domínios da mediunidade". O instrutor Áulus afirma que os médiuns acreditam ver e ouvir, mas esta impressão é apenas "derivada do hábito", já que os órgãos dos sentidos não são os sensores do plano espiritual.

Decreve-se a diferença de percepção de médiuns dotados da mesma faculdade e a interveniência dos fenômenos psicológicos de um dos médiuns sobre a capacidade de registrar as idéias do espírito comunicante. No enredo, o médium Castro, embora veja o espírito Clementino, não lhe registra as palavras porque deseja ver a mãe, já desencarnada.

Um outro evento importante diz respeito à dificuldade do médium distinguir cenários do plano espiritual de imagens mentais do espírito comunicante. No enredo do texto, André Luiz se espanta ao ouvir o relato da médium Celina de ter visto um riacho e a visão de Eugênia de um edifício de crianças, que ele não era capaz de perceber. Áulus lhe explica que as médiuns tomavam por imagens o que em verdade eram pensamentos sugeridos por Clementino.

Após rever os capítulos deste último livro que tratam de mediunidade sonambúlica e desdobramento, não encontramos qualquer explicação por parte do autor espiritual ou dos seus instrutores voltada à clarividência.

Dada a exiguidade de informações, nossas conclusões apontam para uma pequena distinção entre os conceitos de André Luiz e de Allan Kardec. Não encontramos também em "Mecanismos da Mediunidade" uma distinção clara entre as duas faculdades que estamos estudando neste artigo. André Luiz não parece distinguir clarividência de vidência, focalizando suas análises no que há de comum entre estas duas faculdades.

Talvez, por esta razão, Martins Peralva tenha focalizado seu conceito de clarividência, após a leitura deste autor espiritual, na acuidade da percepção, quando diz que a clarividência é "a faculdade pela qual a pessoa vê os Espíritos com grande clareza" e a clariaudiência é "a faculdade pela qual a pessoa ouve os Espíritos com nitidez".

6. Concluindo

Tendo revisto três importantes autores espíritas sobre a questão da distinção entre vidência e clarividência, não encontramos divergências importantes entre eles, embora acreditemos que eles empreguem estas palavras de modo diferente.

Nossa opinião é de que é dispensável a polêmica calcada em significado de palavras e totalmente desnecessário definir um sentido universal para elas.

O estudioso do Espiritismo deve, entretanto, ser capaz de distinguir estas nuances de cada um dos autores a fim de compreender melhor o que desejam expressar, quando derivam suas considerações, a partir de sua terminologia e evitar confusão das suas afirmações.

7. Fontes Bibliográficas

- AMADOU, Robert. **Parapsicologia**. São Paulo: Mestre Jou, 1966.
- ANDRADE, Hernani G. **Parapsicologia experimental**. São Paulo: Pensamento, s.n.
- ANDRÉ LUIZ. **Mecanismos da mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
[Psicografado por XAVIER, Francisco Cândido]
- _____. **Nos domínios da mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1979. . [Psicografado por XAVIER, Francisco Cândido]
- DELANNE, Gabriel. **O espiritismo perante a ciência**. Rio de Janeiro: FEB, 1993.
- KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. [online] Rio de Janeiro: FEB, edição eletrônica.
- _____. **O livro dos médiuns**. [online] Rio de Janeiro: FEB, edição eletrônica
- _____. **Definições espíritas**. Niterói - R.J.: Lachâtre, 1997.
- _____. **Obras póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 1978. ["Causa e natureza da clarividência sonambúlica" e "A segunda vista"]
- PERALVA, Martins. Clarividência e clariaudiência. In: **Estudando a mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1981.
- PIRES, J. Herculano. **Parapsicologia hoje e amanhã**. São Paulo: Edicel, 1987.
- RUSH, Joseph. Parapsychology: a historical perspective. In: EDGE, Hoyt et al. **Foundations of parapsychology**. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1986.
- SANTOS, Jorge Andréa. **Nos alicerces do inconsciente**. Rio de Janeiro: Fon Fon e Seleta, 1980

As Irmãs Fox, Conan Doyle e o Espiritismo Brasileiro.¹

Jáder Sampaio

O episódio de Hydesville tornou-se famoso por desencadear uma investigação pública de conseqüências marcantes para a história do Espiritismo no mundo.

As Comissões de Rochester

Em 1848, uma multidão de norte-americanos acotovelou-se no Corinthians Hall, salão do município de Rochester, no estado de New York - Estados Unidos da América, para acompanhar uma comissão que iria descobrir os truques supostamente empregados por duas adolescentes que pareciam simular sons atribuídos a pessoas mortas. Desde que os ruídos haviam se tornado conhecidos por seus vizinhos e se houvera estabelecido algum tipo de comunicação com sua fonte, boa parte da pacata população dos arredores de Hydesville tomou-se de uma certa indignação que parecia recordar os episódios de caça às bruxas de Salém.

Três adolescentes de nomes Catherine (Kate), Margaret (Maggie) e Ann Leah eram o alvo dos interesses da população predominantemente protestante de sua cidade. Filhas do camponês e pastor metodista, John Fox as duas primeiras foram transferidas de sua fazenda para duas casas em Rochester, a do tio e a da irmã Ann Leah, que era casada e passou a assinar Ann Leah Fish. Desde então, os referidos fenômenos começaram a manifestar-se nas suas novas residências e em outras casas de Rochester e cidades vizinhas.

O erudito Canuto Abreu (1996), citando uma das mais conhecidas divulgadoras destes eventos¹, fez uma análise oportuna do caráter dos quakers, o que explica a notoriedade do acontecido.

Rochester foi fundada por um quaker (Nathaniel Rochester), linha protestante fundada por George Fox na Inglaterra que acreditava na revelação imediata e individual de Deus. Abreu afirma serem fundadores de estados livres americanos e defensores da liberdade de expressão, sendo tolerantes para com as diversas crenças e religiões.

Como as manifestações não cessassem com a mudança das meninas para a cidade e a população ficasse cada dia mais indócil e propensa a atos de violência, a Sra. Fox procurou o Sr. Isaac Post, um quaker respeitado pela população e um dos diretores da "Sociedade dos Amigos"² para que intercedesse em seu favor e esclarecesse o acontecido. Após a consulta aos "*spirits*", Post decidiu por promover manifestações públicas no maior salão da cidade, acompanhadas por uma comissão de investigadores, assegurando ele próprio, o pastor metodista Jervis, o doutor Capron e as respectivas

¹ Emma Harding Britten

² Society of Friends, nome dado à comunidade quaker.

esposas a integridade das jovens. Este evento se deu a 14 de novembro de 1849. (SILVA, 1997)

A comissão que tinha por relator o redator-chefe do jornal Rochester Democrat (que segundo Doyle (1926), já havia preparado um artigo denominado "Exposição completa da mistificação das batidas" e que foi sustado após os trabalhos referidos) e concluiu que as batidas eram verdadeiras, que se produziam às vezes à distância das meninas (nas paredes e portas) que respondiam às vezes certo e às vezes errado às perguntas que lhes eram dirigidas e que "não puderam encontrar nenhum processo pelo qual elas pudessem ser produzidas".

Recebido o relatório com sinais de desagrado pela audiência, decidiu-se pela nomeação de uma segunda comissão, com a presença do Dr. Langworthy para controlar a possibilidade da ventriloquia por parte das Fox. Concluiu-se que os sons foram ouvidos, não eram produzidos por máquina ou pela ventriloquia

Nomeou-se ainda uma terceira comissão, que examinou as jovens Fox despidas, amarraram os vestidos ao corpo e as colocaram sobre vidros, de pé sobre almofadas, amarradas nas cadeiras e em outras situações que não impediram as manifestações. A comissão declarou que as perguntas feitas, algumas delas apenas pelo pensamento, haviam sido respondidas corretamente. (Doyle, 1926. p. 89) Este episódio quase causou o linchamento das médiuns.

A Crítica da Revista Veja

Detenho o leitor espírita nestes episódios, seguindo a lógica do criador de Sherlock Holmes, porque muito recentemente a mediunidade das irmãs Fox foi posta em questão por uma jornalista brasileira, que deu mostras de escrever de oitiva. Ao concluir um artigo escrito em um tom um tanto irônico sobre o Espiritismo, ela conclui com a frase de efeito:

"Anos depois de causar furor as irmãs Fox se desmentiram. Disseram que os espíritos eram invenção delas. No Brasil, ninguém ligou". (Varella, 2000)

Curiosamente, o médico e escritor escocês, Sir Arthur Conan Doyle, dedicou um capítulo inteiro de seu livro História do Espiritismo no debate deste tema, livro este que foi traduzido ao português por um espírita de renome no movimento brasileiro a quem devemos também a tradução da Revista Espírita de Kardec, Júlio Abreu.

Pesquisas e Relatos sobre as Irmãs Fox

No seu capítulo, amplamente documentado com declarações assinadas, Doyle vai mostrando ao leitor as investigações a que foram submetidas e as perseguições que as

Irmãs Fox sofreram. A obsessão da grande maioria dos pesquisadores que as estudariam focalizava-se em descobrir as origens físicas ou fisiológicas das batidas.

Conan Doyle recuperou um episódio da vida de Margareth Fox onde ela se interessou e foi correspondida por um médico puritano chamado Kane³, com quem veio a casar posteriormente, e as pressões que ele exerceu para que ela desmentisse a comunicação com os espíritos. A partir da análise das cartas, o criador de Sherlock Holmes conclui que ele "pensava de modo vago que houvesse alguma fraude" mas que "nos anos de sua maior intimidade Margareth jamais admitiu", que "ele jamais pode sugerir no que consistia a falcatrua" e que "ela empregou as suas forças de maneira que os espírita sérios deploram". (DOYLE, 1926. p. 97)

Assim como outros médiuns do século XIX, as Fox tiveram dúvidas quanto à origem espiritual dos fenômenos, e pode ser que houvessem praticado algum tipo de fraude em momentos isolados de sua carreira, especialmente porque passaram a viver da demonstração dos fenômenos. Conan Doyle transcreveu a seguinte frase do livro do Dr. Kane:

"...Ela dizia sempre que nunca tinha realmente acreditado que as batidas fossem obra de espíritos, mas pensava que nisso havia uma relação com certas leis ocultas da natureza." Esta foi sua atitude posterior na vida, pois em sua ficha profissional dizia que o povo devia por si mesmo julgar da natureza de suas forças." (DOYLE, 1926. p. 97)

O banqueiro Charles Livermore, de Nova York, afirma que recebeu comunicações de sua esposa falecida, Estelle, num período de dez anos, mensagens através de Kate Fox, algumas escritas em francês, espanhol e italiano, idiomas desconhecidos pela médium.

O Sr. Cromwell Varley (eletricista responsável pelo lançamento do cabo submarino no atlântico) realizou experiências sobre eletricidade com Kate Fox.

Em sua visita à Inglaterra Kate foi estudada por um conhecido membro da Sociedade Dialética de Londres, o Dr. William Crookes. Transcrevo abaixo um relato de um dos resultados obtidos por ele:

"O relatório de Crookes das observações na presença de Kate Fox continua sendo um claro exemplo de evidência para "raps" paranormais, exceto pela falta de múltiplas testemunhas. Ele obteve "raps" em vários objetos e materiais – um pedaço de vidro, um pandeiro, uma árvore, um pedaço de papel suspenso por uma linha." (RUSH, 1986. p. 241`)

Sir Arthur Conan Doyle relatou um episódio da pesquisa de Crookes onde estavam presentes sua esposa e uma parente:

³ Baseado no livro "As Cartas de Amor do Dr. Elisha Kane"

“Eu segurava ambas as mãos da médium numa das minhas enquanto seus pés estavam sobre os meus. Havia papel sobre a mesa em nossa frente e eu tinha um lápis na mão livre.

Uma luminosa mão desceu do alto da sala e, depois de oscilar perto de mim durante alguns segundos, tomou o lápis de minha mão e escreveu rapidamente numa folha de papel, largou o lápis e ergueu-se sobre as nossas cabeças, dissolvendo-se gradativamente na escuridão” (DOYLE, 1926. p. 101)

O Prof. Russo, Dr. Butlerof, da Universidade de São Petersburgo, teve seu relato transcrito no trabalho de Conan Doyle.

“De tudo quanto me foi possível observar em presença de Mrs Jencken⁴, sou levado à conclusão de que os fenômenos peculiares a esse médium são de natureza fortemente objetiva e convincente e que, penso, seriam suficientes para levar o mais pronunciado céptico, desde que honesto, a rejeitar a ventriloquia, a ação muscular e semelhantes explicações dos fenômenos⁵.” (DOYLE, 1926. p. 103)

Seguem-se outros relatos e poderíamos ainda transcrever mais citações de outros livros, mas estas são suficientes para afirmar-se que as Fox foram estudadas por cientistas, em ambientes controlados e apresentaram resultados satisfatórios, não apenas de “raps”, como de outros fenômenos de efeitos físicos. Aqui temos um capítulo de suas vidas que não pode ser atribuído à imaginação dos espíritas norte-americanos e que se acha bem documentada, ainda nos dias de hoje. Vemos também que as hipóteses de ação muscular eram conhecidas e controladas pelos cientistas que as estudaram, da mesma forma que o foram pelas comissões do Corinthians Hall.

Por que insistimos tanto em dizer que cientistas estudaram a mediunidade de Kate Fox? Um dos argumentos mais empregados por aqueles que querem desmerecer uma fonte histórica, repousa na idealização e na mitificação que geralmente acompanha movimentos sociais e culturais onde as opiniões se polarizam e o componente emocional se torna muito influente. No calor das discussões do Corinthians Hall, por exemplo, suas testemunhas poderiam se ater a eventos isolados ou contar a sua versão, profundamente marcada pela simpatia com as idéias espiritualistas. Embora este fenômeno seja um fenômeno humano, o cientista foi treinado a tentar ser o mais descritivo possível, a evitar suas simpatias e ater-se aos fatos para construir e reconstruir suas teorias. Ele depende profundamente de sua reputação no meio acadêmico para que suas comunicações tenham credibilidade. Todos sabemos que no século passado o clima vigente nas academias era de uma compreensão empírica das

⁴ Nome de casada de Kate Fox.

⁵ Os grifos são nossos.

ciências, especialmente das ciências naturais. Ademais, os pesquisadores em questão apresentam sua metodologia de trabalho e os seus cuidados para evitar a ocorrência das principais hipóteses alternativas como a fraude e as ocorrências naturais.

Passamos agora à declaração de Margareth Fox, seus motivos e sua retratação.

Por que Margareth Fox afirmou que fraudava?

Margareth Fox-Kane deu uma declaração em setembro de 1888 ao jornal New York Herald denunciando o culto espiritualista, mas preservando a idéia de que os raps "eram a única parte dos fenômenos digna de registro". (DOYLE, 1926. p. 105)

Alguns escritores como INARDI (1979) destacaram suas palavras mais duras e de efeito:

"Encontro-me aqui, nesta noite, na qualidade de uma das fundadoras do Espiritismo⁶, para denunciá-lo como fraude absoluta do princípio ao fim, como a mais doentia das superstições e a mais maligna heresia que o mundo já conheceu..." (Margareth Fox-Kane apud INARDI, 1979. p. 89)

Ao contrário do que afirma nossa jornalista brasileira, Kate Fox ficou aborrecida com as declarações da irmã. Observe o leitor a correspondência que ela escreveu à senhora Cattel em novembro do mesmo ano:

"Eu lhe deveria ter escrito antes, mas minha surpresa foi tão grande, ao chegar e saber das declarações de Maggie sobre o Espiritismo, que não tive ânimo de escrever a ninguém. (...)
Agora penso que podia fazer dinheiro, provando que as batidas não são produzidas pelos dedos dos pés. Tanta gente me procura por causa da declaração de Maggie que me recuso a recebe-los." (DOYLE, 1926. p. 107)

Doyle apresenta três razões para a conduta de Margareth Fox-Kane. A primeira razão envolve uma discussão entre Kate e Leah em decorrência ao alcoolismo da primeira. Kate e Margareth se tornaram alcoólatras e Leah fez pressões para que parassem de beber, chegando a ameaçar Kate com a perda da guarda dos filhos. Ao que parece, ela chegou a ser presa por algum tempo em decorrência de uma denúncia da irmã mais velha, que teria alegado maus tratos para com os filhos. (DOYLE, 1926. p. 106) Margareth se indispôs contra Leah em defesa da irmã, ofendendo-lhe em sua crença no espiritualismo. RINN (1954) transcreveu algumas

⁶ A melhor tradução seria Espiritualismo ou Espiritualismo Moderno, termo que designava o movimento que se desenvolveu nos Estados Unidos e que Kardec preferiu por sua ambigüidade, criando ele o neologismo Espiritismo.

declarações que ela lhe deu sobre o desentendimento com a irmã. Deixo ao leitor a tradução de um deles, que nos esclarece sobre o seu estado de perturbação interior:

"Outra irmã minha, Leah, maldita seja, me fez aceitar isto⁷. Ela é minha maldita inimiga. Eu a odeio. Meu Deus! Eu a envenenaria! Não, eu não, mas eu a açoitaria com a minha língua. Leah tinha 23 anos no dia em que eu nasci⁸. A filha de Leah, Elisabeth, tinha sete anos no dia em que nasci. Rá, rá! Eu já era tia sete anos antes de ter nascido!" (RINN, 1954. p. 55)

O segundo motivo repousa na pressão que sofria por parte dos profítes de religiões protestantes e católicas. Em sua retratação, Margareth refere-se à influência que sofreu de pessoas que tinham por interesse "esmagar o Espiritismo". Conan Doyle chega a apresentar nomes de membros do clero que a fizeram crer que tratava com o demônio. Margareth houvera se convertido ao catolicismo alguns anos antes da declaração, o que foi confirmado por Rinn (1954), ao entrevistar um padre da igreja de São Pedro, em Barclay Street, Nova York.

Finalmente, houve a proposta financeira do jornal, interessado em um "furo" jornalístico, não importando se estaria ou não praticando "imprensa marrom". As Fox viviam dos fenômenos que produziam, prática em que são criticadas até por Conan Doyle, que morava em um país onde a remuneração de médiuns é uma prática aceita.

Embora não tenha encontrado em minhas fontes uma transcrição exata da declaração de Margareth Fox-Kane, com base na correspondência de Kate, transcrita acima, ela parece ter "explicado" os fenômenos a partir da teoria dos "músculos estalantes". No texto de Rinn (1954) se vê algumas outras explicações aos fenômenos. Ela dizia que os sons nas paredes do "cottage" de Hydesville vinham de maçãs que as irmãs deixavam cair, enganando seus pais, e que os fenômenos de escrita direta eram fraudados com um giz entre os dentes, enquanto os pesquisadores as retinham pelas mãos. Convenhamos que estas explicações, face aos relatórios de pesquisas realizados desde a demonstração em Rochester, são bastante insatisfatórias. Como elas teriam produzidos os sons nos vidros, paredes e papéis distantes de seus próprios corpos, estalando músculos? Como responderiam a perguntas mentais? Como forneceram respostas corretas a perguntas que desconheciam, como o número de conchas tomadas ao acaso de um montinho, por um de seus investigadores? Como elas teriam burlado os cuidados dos cientistas que as pesquisaram? Nada disto parece satisfatório, ainda

⁷ Ela se referia ao espiritualismo.

⁸ Este dado é bastante duvidoso, incoerente com outras fontes biográficas, o que nos leva a crer que ela declarou ser a irmã mais velha do que realmente era, com a intenção de ofendê-la e de parecer-se uma pobre vítima dela.

que houvessem entremeado truques aos fenômenos, por razões financeiras.

Por fim, Margareth Fox-Kane retratou-se um ano depois, em 20 de novembro de 1889 em entrevista dada à imprensa de Nova York. Para que não reste dúvidas, transcrevo algumas partes.

“Praza a Deus (...) que eu possa desfazer a injustiça que fiz à causa do Espiritismo quando, sob intensa influência psicológica de pessoas inimigas dele, fiz declarações que não se baseiam nos fatos. (...)

Naquela ocasião (em que denunciou o Espiritismo) necessitava muito de dinheiro, e criaturas, cujo nome prefiro não citar, se aproveitaram da situação. Daí a embrulhada. Também a excitação ajudou a perturbar meu equilíbrio mental. (...)

Aquelas acusações eram falsas em todas as minúcias. Não hesito em dizer-lo... (...) Nem todos os Hermmans vivos serão capazes de reproduzir as maravilhas que se produzem através de alguns médiuns. Pela habilidade manual e por meio de espertezas podem escrever em papéis e lousas, mas mesmo assim não resistem a uma investigação acurada. A materialização está acima de seu calibre mental e desafio a quem quer que seja a produzir batidas nas condições em que as produzo.” (DOYLE, 1926. p. 108-109)

A partir deste momento ela se propôs a fazer conferências para “refutar as calúnias” que ela própria lançou contra o Espiritismo. Ela fez uma carta aberta ao público assinada de próprio punho diante de testemunhas como o Sr. O’Sullivan, Ministro dos Estados Unidos em Portugal durante vinte e cinco anos.

O Papel das Irmãs Fox para o Espiritismo Brasileiro Contemporâneo

Creio ter sido exaustivo na exposição de motivos, fatos e documentos, apesar de não ter tido acesso a fontes primárias. Mesmo assim, cabe mais uma análise o comentário da repórter brasileira. Qual o papel das irmãs Fox para o Espiritismo brasileiro?

O lugar histórico das irmãs Fox para o movimento espírita e o chamado “modern spiritualism” norte-americano e europeu foi o de pessoas cuja faculdade se tornou notória e atraiu a atenção da sociedade e da academia, gerando um volume enorme de estudos, pesquisas e discussões. Elas são um marco arbitrado pelos escritores de história do Espiritismo para iniciar sua descrição de um movimento social do século XIX. Ainda que fossem uma fraude completa, o que creio ter discutido suficientemente com base no trabalho de Conan Doyle e de outros autores, o Espiritismo brasileiro hoje não é um corpo de doutrina que tem por base as comunicações dos espíritos que se manifestavam por intermédio delas. Pelo contrário, Kardec teve o bom senso de trabalhar com múltiplos médiuns, de grupos e países diversos, e de não propor verdades

absolutas, legando-nos uma mentalidade crítica. Temos acesso e estudamos obras produzidas em diferentes pontos do globo, escritas por estudiosos, obtidas pela via mediúnica ou resultado de pesquisas conduzidas em academias.

Sua contribuição, portanto, não exige que as idealizemos, ou as transformemos em heroínas, ocultando seus defeitos, mas que as compreendamos como pessoas que dentro de suas fragilidades e limitações, enfrentaram a intolerância de uma época e deram uma contribuição importante para que hoje pudéssemos ter acesso a tantas sociedades e grupos organizados, preocupados em entender o significado dos fenômenos espirituais.

Fontes Bibliográficas

- ABREU, Canuto. **O evangelho por fora**. São Paulo: LFU, 1996.
- DELANNE, Gabriel. Os tempos modernos, in: **O fenômeno espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 1992.
- DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, s.n. [Originalmente publicado em 1926]
- GIBIER, Paul. Origens do Espiritismo. In: **O Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- INARDI, Massimo. **A história da parapsicologia**. Lisboa: Edições 70, 1979
- LOUREIRO, Carlos Bernardo. As irmãs Fox. In: **As mulheres médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- RINN, Joseph. **Searchlight on psychical research**. New York: Rider and Company, 1954.
- RUSH, Joseph. Findings from experimental PK research. In: EDGE, H. et al. **Foundations of parapsychology**. Boston-USA: Routledge & Kegan Paul, 1986.
- SILVA, Eliane M. **O espiritualismo no século XIX**. CAMPINAS-SP: UNICAMP, 1997. [Coleção Textos Didáticos, no. 27]
- VARELLA, Flávia. À nossa moda, **Veja**, no. 1659, p. 78-82, 26 de julho de 2000.

ⁱ Publicado em Reformador, Rio de Janeiro, v. 119, n. 2071, out. 2001, p. 18-21.